



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS
DIREITOS HUMANOS NO CONTEXTO DA
DIVERSIDADE CULTURAL**

CARLA DAIANE SOUZA SILVA

**O DIREITO A AUTOAFIRMAÇÃO DA CULTURA
AFRODESCENDENTE DE ALUNOS DO QUILOMBO DE TOMÉ-
NUNES-MALHADA-BA**

BRASÍLIA, 15 de outubro de 2015.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS
DIREITOS HUMANOS NO CONTEXTO DA
DIVERSIDADE CULTURAL**

CARLA DAIANE SOUZA SILVA

**O DIREITO A AUTOAFIRMAÇÃO DA CULTURA
AFRODESCENDENTE DE ALUNOS DO QUILOMBO DE TOMÉ-
NUNES-MALHADA-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue
como requisito parcial para a obtenção do
título de especialista em Educação em e
para os Direitos Humanos e Diversidade
Cultural, Orientado pela Profa. Dra. Eloisa
Pereira Barroso.

Orientadora: Dra. Eloísa Pereira Barroso

BRASÍLIA, 15 de outubro de 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

CARLA DAIANE SOUZA SILVA

**O DIREITO A AUTOAFIRMAÇÃO DA CULTURA
AFRODESCENDENTE DE ALUNOS DO QUILOMBO DE TOMÉ-
NUNES-MALHADA-BA.**

Banca examinadora do trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado a
Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção
especialista em Educação em e para os Direitos Humanos e Diversidade Cultural.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Presidente Professora Doutora
Eloisa Pereira Barroso

Professor Mestre Clerismar Aparecido Longo

Resumo

Cultura é resultado de toda a criação humana. Não é possível apontar uma cultura melhor ou pior que outra, superior ou inferior, atentamos para o propósito que há sim, cultura diferentes. Este é um trabalho que procura desenvolver um estudo sobre a cultura e o convívio afrodescendente da comunidade quilombola de Tomé Nunes, localizada à margem do Rio São Francisco no município de Malhada – Ba. A presente pesquisa trata de aspectos históricos, sociais e culturais da referida localidade apoiando-se, sobretudo, na oralidade como fonte. O objetivo é uma averiguação quanto à estigmatização sofrida ou não pelos jovens quilombolas ao se tornarem alunos na Escola Municipal Paulo Souto. Os depoimentos dos moradores, estudantes, professores, coordenadora e diretor se unem a fontes impressas e manuscritas. No que concerne às questões culturais afrodescendentes de autoafirmação foi realizado um encontro entre a comunidade escolar (externa ao quilombo) e a comunidade de Tomé Nunes buscando-se um conhecimento e uma exposição geral da cultura da localidade, bem como aspectos respaldados por lei sobre a referente cultura. Observa-se que mantem-se viva em Tomé Nunes todas as práticas de seus antepassados que servem como autoafirmação para as novas gerações do quilombo.

PALAVRAS CHAVE: Contexto quilombola, identidade afrodescendente, estigmatização, escola, cultura.

Abstract

Culture is the result of all human creation. You can not point better or worse than another culture, high or low, we look at the purpose that there is rather different culture. This is a work aimed at a study of the culture and of African descent living maroon community of Tomé Nunes, located on the bank of the River San Francisco in the municipality of Malhada - Ba. This research deals with historical, social and cultural aspects of that locality relying mainly on oral tradition as a source. The goal is an investigation about the stigmatization suffered by maroon or not young people contacting with the Municipal School Paulo Souto. The testimony of residents, students, teachers, ordering and director unite the printed and manuscript sources. With regard to African descent cultural issues of self-affirmation a meeting was held between the school community (outside the quilombo) and the community of Tomé Nunes seeking to knowledge and an overall exposure of the town culture and supported aspects of law on concerning culture. It is observed that keeps alive in Tomé Nunes all practices of their ancestors who serve as self-assertion for the new generations of the quilombo.

KEYWORDS: maroon Context, African descent identity, stigmatization, school cultur

Agradecimentos

Nessa vida existe um momento que é crucial o apoio de pessoas para continuarmos em uma caminhada. Na realização deste trabalho foi possível contar com várias. Dessa forma tentarei expressar de maneira sucinta meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro a Deus que sempre me concede forças e inteligência para continuar em busca dos meus ideais.

Aos moradores de Tomé Nunes que me acolheram dividindo suas histórias e cultura.

Agradeço de forma sincera e profunda a minha orientadora Dra. Eloísa Pereira Barroso, que acreditou no meu trabalho e que em todo o percurso de escrita desta pesquisa foi paciente quanto a minha experiência acadêmica e não deixou que eu me desanimasse ou desistisse.

A Escola Municipal Paulo Souto, na pessoa do diretor Fábio Querino que abriu suas portas para a realização de entrevistas, bem como a locomoção até o quilombo do Tomé Nunes.

Aos meus pais, Carlos José e Valdenice, que mesmo que eu escreva inúmeras palavras aqui estas não serão suficientes para demonstrar o tamanho da minha gratidão e reconhecimento de que sem vocês o caminho até aqui teria sido muito difícil. Vocês que sempre abriram mão dos seus sonhos por causa dos meus e dos meus irmãos. Obrigada pela confiança e pela presença constante de apoio e perseverança. Essa vitória é para vocês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. CAPÍTULO 1: A comunidade do Tomé Nunes e a história	13
1.1 O encontro entre as tradições da comunidade quilombola e o contexto escolar	18
2. CAPÍTULO 2: A cultura afrodescendente e a formação da identidade quilombola	23
2.1 Questões culturais e escola	28
2.2 Ações Interventivas	31
3. CAPÍTULO 3: A identidade étnica negra e as relações externas na comunidade de Tomé Nunes	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
5. REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO:

O interesse por essa temática surgiu ainda no período de graduação em Letras na Universidade de Brasília / EaD, Polo Educacional Dona Carmem em Carinhanha – Ba. As disciplinas referentes a linguísticas e literaturas sempre foram meu encanto e foi e um estudo referente a variação linguística (a qual optei por investigar a variação linguística quilombola).

Foi em um trabalho como professora por oito anos em um quilombo chamado Parateca/PauDarco no município de Malhada – Ba, quilombo que está localizado a 80 quilômetros da sede. Neste período surgiram os primeiros contatos com a cultura quilombola. Com esta aproximação e os estudos de graduação foi crescendo o interesse em estudar a história e a cultura daquele povo. Então apareceram inúmeros questionamentos a partir do momento em que se ia trabalhar sobre determinada cultura (quilombola, mesmo que de forma interdisciplinar) os alunos omitiam e logo dizia “Eu não sou quilombola”, “Deus me livra ser quilombola”, mas por que se ali existia uma história, uma vida de lutas e vitórias a serem apreciadas. Foram, inicialmente, estes questionamentos que impulsionaram a presente pesquisa.

Ao longo deste tempo transferiram-me de escola, porém o desejo persistia já que agora estava perto de um outro quilombo com a mesma realidade: Alunos que não se assumem quilombolas.

Dessa forma, a opção foi voltar aos estudos no quilombo de Tomé – Nunes, mais especificamente na Escola Municipal A Escola Municipal Paulo Souto localizada na sede do município. A escola recebe um número expressivo de alunos advindos do referido quilombo e muitos destes alunos não se declaram quilombolas, muitas vezes omitindo suas origens para aderirem a outras diferentes. Mas o que os leva a tal opção? Eis a questão.

A partir da temática de Direitos Humanos creio poder ser possível pensar ou compreender que tal conceito condiz com um conjunto de direitos direcionados a todo Ser Humano, seja direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais, sobretudo ao que se refere à imprescindível

necessidade de igualdade e de defesa a dignidade humana. E nesse espectro de direitos a serem acessados estão os sujeitos advindos das comunidades quilombolas com seus receios e estigmas.

Na sociedade moderna os Direitos Humanos tem sido um forte aliado nas lutas contra o preconceito, a descriminalização (em seus diversos sentidos) e situações de desigualdades de acesso a bens materiais e imateriais, principalmente as opressões e estigmatizações sofridas por uma minoria social.

A partir dessa compreensão o estudo em tela procurará se ater a observações sobre o contexto diário e a recepção da escola a alunos advindos de uma comunidade quilombola conhecida como Tomé Nunes cuja a sede está no município – Malhada. O objetivo da pesquisa é verificar se estes alunos sofrem ou não estigmas por conta da cultura a qual pertencem, a cultura quilombola, quando entram em contato com a comunidade escolar na Escola Municipal Paulo Souto, para onde são transferidos quando passam a cursar a 2ª fase do ensino fundamental.

Em consonância ao que preconiza os direitos humanos, que por Lei são legados aos seres humanos, procurar-se-á nessa pesquisa questionar se realmente os direitos humanos atingem a todos os indivíduos no que se refere ao direito ao pertencimento a cultura afrodescendente e de que forma estão atingindo.

É sabido em muitos casos que há situações de violação dos direitos humanos. Neste caso vale frisar que em 2003, revisto em 2006, o Brasil ganha o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) que tem em uma de suas dimensões: “(...) afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade” (MEC, 2013, pg. 519).

Adentrando ao contexto educacional nos propomos a examinar como são abordadas em sala de aula as questões étnico-raciais, com o intuito de compreender como se dá a valorização da cultura afrodescendente e se esta valorização ocorre no cotidiano escolar.

Neste sentido, acreditamos que no âmbito educacional, mais especificamente no espaço da escola, é possível refletir sobre as questões

étnicas raciais no que se refere ao acolhimento aos discentes descendentes africanos, negros, afrodescendentes. E mais, é possível verificar como se organizam as atividades pedagógicas e se estas atividades pedagógicas inserem a cultura dos sujeitos quilombolas.

Estudar essas atividades consiste em observar de perto como são realizadas ou se são realizadas. É preciso verificar se elas levam em consideração as manifestações que afirmam a cultura a qual pertencem os alunos quilombolas, observando as peculiaridades sem se esquecer que esse povo é parte constitutiva da totalidade histórica do nosso país. Portanto retratar ou estudar a herança africana torna-se importante para o processo de reafirmação das comunidades quilombolas.

Nesse contexto surgem as seguintes questões para esta pesquisa

- O que é identidade afrodescendente?
- Como se constitui a identidade afrodescendente?
- Como são abordadas as questões culturais referentes à cultura trazida por estes alunos advindos do quilombo na escola?
- Há estigmatização a cultura advinda dos alunos afrodescendentes de quilombos?

Na tentativa de elucidar as questões propostas a pesquisa contou com a contribuição de moradores do quilombo, dos alunos, professores destes, diretor da escola já citada, coordenadora pedagógica da referida escola além de outros.

As narrativas desses sujeitos possibilitam ao pesquisador visualizar e compreender como quilombolas constroem suas experiências. Acredita-se aqui que as narrativas acompanhadas de análises são essenciais neste estudo, pois nada melhor que as narrativas, enfim, as contribuições daqueles que estão sendo pesquisados.

Não se pode esquecer que essas construções estão permeadas de motivações subjetivas fortes e tão reais quanto as objetivas, pois elas nos revelam o modo como as pessoas sentem, amam, odeiam ou preservam certos

valores inscritos na própria linguagem presentes nas experiências narradas. Yara Khoury (2005, p. 128) destaca que:

[...] o ato de narrar se faz no tempo e com o tempo, e que preserva o narrador contra o tempo, nosso interesse é trabalhar a narrativa oral no movimento da história; como uma prática social, ela tem sua própria historicidade; o narrador constrói sua identidade, fazendo uso dos elementos de sua cultura e historicidade e recorrendo a um passado significado e ressignificado no presente. Yara Khoury (2005, p. 128)

Por isso a opção metodológica aqui foi o uso da história oral. Isso por considerar que a história oral é um método moderno que permite elaborar registros e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos o que se aplica a uma comunidade quilombola.

O estudo realizado baseou-se ainda em uma pesquisa histórica (narrativa) sobre a comunidade quilombola de Tomé – Nunes: localização, povoação, economia, educação, saúde. Isto através de pesquisas bibliográficas e visitas a comunidade. Além de buscar-se conceituar o que é afro descendência.

Procuramos ainda observar a cultura desse povo e como seus descendentes, de maneira especial os jovens, lidam com os saberes e viveres dentro do espaço do quilombo. Foram feitas também visitas a escola, pois este é um lugar em que a pesquisa mostrou ser um espaço importante em que os quilombolas reafirmam ou negam seu pertencimento à comunidade.

Esta pesquisa foi realizada de forma qualitativa através de entrevistas orais realizadas com os moradores do quilombo, alunos, professores, diretor e a coordenadora da escola. Isto transcorreu em meses de pesquisas (junho a agosto) com uma série de visitas à comunidade em que a pesquisadora desenvolveu além de observações, realizou entrevistas, bem como aplicou um projeto de intervenção com o intuito de criar uma reflexão sobre a identidade quilombola.

A partir dos fatores apresentados espera-se, ainda, mostrar que o entendimento conceitual da autoafirmação da cultura afrodescendente de

alunos do quilombo de Tomé- Nunes-Malhada- Ba pode ser alcançado através da investigação e análise da integração entre as experiências culturais vividas pelos indivíduos e o estudo científico das relações estabelecidas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Dessa maneira é que esta monografia está estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo procuramos abordar sobre a história da comunidade quilombola de Tomé – Nunes: localização, povoação, economia, educação, saúde, bem como a saída desses alunos para o encontro do contexto educacional totalmente adverso a sua cultura. Além de buscar-se conceituar, cultura e afrodescendência.

O segundo capítulo procura fundamentar a pesquisa em referência bibliográficas sobre a cultura, afrodescendência, educação quilombola, bem como esta educação chega às escolas onde são atendidas os jovens e adultos desta comunidade citada. Sob a visão do pesquisador Ricardo Ferreira, apresentaremos os quatro estágios para o desenvolvimento da identidade quilombola. Ainda abordaremos como são tratadas as questões étnicas dentro do espaço escolar e na oportunidade observaremos “o diferente”, “o Outro” e seus tratamentos neste recinto. Além disso, abordaremos a realização do projeto interventivo. Um projeto em que se buscou unir a comunidade escolar (extra quilombola) ao contexto quilombola na realização de uma tarde cultural de aprendizagem, onde foram propostas de atividades de interação com o intuito de se misturar culturas e saberes. Nesta tarde houve palestras de autoafirmação cultural, mostra de penteados afros, mostras de comidas típicas do quilombo, palestra sobre a Lei 10.639/2003 e muita dança e samba de roda. Momento ímpar de contemplação e conhecimento da diversidade cultural do município de Malhada-Ba (de maneira especial – a cultura quilombola).

No terceiro capítulo abordaremos os resultados colhidos ao longo da pesquisa narrativa (oral e escrita) bem como nos atentaremos para a forma como estão sendo desenvolvidas as questões étnicas e culturais dentro do quilombo e na escola. Diante dos dados obtidos com as entrevistas e com o projeto interventivo procedemos a análise no sentido de confrontar com as (realidades) vividas dentro do espaço escolar o processo de construção da

identidade quilombola, identidade esta que se constitui permeada pela cultura afrodescendente.

Por fim, entende-se aqui a necessidade de se buscar e reafirmar a cultura e a identidade afrodescendente no que tange a valorização e ao respeito as diferenças étnico-raciais e culturais com vistas ao desenvolvimento sustentável na construção de uma sociedade que tenha por base a democracia, a justiça, a autonomia, sobretudo, a liberdade e a paz.

Capítulo-01

A COMUNIDADE DO QUILOMBO DE TOMÉ NUNES E A HISTÓRIA.

Localizada a margem direita do Rio São Francisco a comunidade remanescente de quilombo Tomé Nunes tem suas histórias e crenças. O processo de povoamento e ocupação econômica do Médio São Francisco, iniciou-se com o domínio de duas grandes famílias, os senhores da Torre e da Ponte, representados, respectivamente, pelas famílias Garcia D`Ávila e Antônio Guedes de Brito.

No fim do século XVIII os latifúndios dos Guedes de Brito abrangiam toda a Chapada Diamantina e a Serra Geral da Bahia e avançavam pela margem direita do São Francisco, atravessando toda a região onde hoje se encontram os remanescentes de quilombos e comunidades negras como Rio das Rãs, Pau d'Arco, Parateca, Tomé Nunes, até alcançar o sul de Minas Gerais.

É sabido que o desenvolvimento e povoamento de todo sertão baiano, estiveram relacionados diretamente à agropecuária e à mineração. Os currais que foram espalhados pelos Garcia D`Ávila e os Guedes de Brito por todo o século XVI e XVII foram importantes para o abastecimento dos trabalhadores do litoral e das minas.

Há ainda hoje indícios destes currais. Entre as diversas comunidades que margeiam o Rio São Francisco, nota-se vestígios de antigas fazendas que pertenceram aos Guedes de Brito. O município de Malhada/BA, do qual faz parte Tomé Nunes, originou-se de uma das fazendas pertencentes aos antigos latifundiários, como indica Erivaldo Neves (2003, p. 387) em sua pesquisa a livros de tabelionato do Arquivo Municipal de Rio de Contas/BA:

Malhada, fazenda [...] arrendada por Isabel Maria Guedes de Brito ao Dr. João Calmon. A casa da Ponte vendeu essa unidade pecuarista, em 1808, através do procurador Joaquim Pereira de Castro por 500 mil réis [...] para João Vieira de Lima, limitando com Cachoeira, no Riacho da Cruz; Riacho, em Tomé Nunes;

serra da Malhada; e rio São Francisco. José Porfírio de Magalhães, que a herdara dos pais, vendeu duas glebas, em 1872 [...] para o tenente coronel João Antero Ladeia Lima. Em Malhada desenvolveu-se o povoado original da cidade de mesmo nome.

Segundo as fontes analisadas pelo pesquisador, existem registros de Tomé Nunes desde 1808, portanto, há mais de cem anos. Situação confirmada pelos relatos dos atuais moradores da localidade.

Segundo dona Joanita Dias conta que ouvia seu avô João contar que o nome se deu pelo seguinte fato:

Tomé era o dono desse lugar aqui onde estamos nesse tempo nossa família não morava aqui morava pras banda de Guanambi [...]. Ali era no terreiro dele, veio uma enchente [...] e depois disso ele ficou revoltado e ressurveu vender e na época meu bisavô soube, e veio e comprou. E o nome é Tomé Nunes porque o sobre nome dele era Nunes e assim ficou o nome da nossa comunidade. (Entrevista realizada no dia 27 de julho de 2015, em Tomé Nunes).

Outro relato que corrobora para reafirma a história do quilombo é a narrativa de Dona Joanita Dias. Essa senhora afirma ser neta de seu João, morador mais velho da comunidade que morrera no ano de 2013, ela assegura ter resguardado todas as estórias contadas por ele ali mesmo naquele terreiro sentado com os filhos, netos e bisnetos.

“(...) Francisca, que foi prefeita de Carinhanha – cidade vizinha a Malhada- (...) ela fez muitas visitas aqui na comunidade” (Dona Joanita Dias de Brito, entrevista realizada no dia 22 de julho de 2015, em Tomé Nunes).

As palavras de dona Joanita são recontadas por uma outra neta a senhora Gercina Santos Lima:

No começo de tudo aqui é como eu ouvia “loiô” dizem que aqui tinha uma pessoa que chamava Tomé e o sobrenome era Nunes. Esse homem era daquela época de povo brabo que

enraiva com qualquer coisa. Aqui era tudo fechado de mato e depois que essa primeira pessoa apareceu aqui que se chamava seu Tomé Nunes, e por isso ficou esse nome bonito de Deus TOMÉ NUNES . (Dona Gercina Santos Lima, entrevistada em 27 de julho de 2015, em Tomé Nunes)

De Geração em geração os fios da história dessa comunidade são tecidos de maneira a dar visibilidade a estes sujeitos que vivem no espaço conquistado por movimentos de resistência cultural.

Apesar de ser um território ocupado há mais de cem anos, a comunidade de Tomé Nunes só foi reconhecida como quilombola no ano de 2004. Esse reconhecimento do direito a identidade foi feito pela Fundação Cultural dos Palmares.

Até chegar ao reconhecimento de comunidade quilombola, segundo o que revelou o senhor Raimundo Nery, foram anos de lutas e descobertas:

“[...] Aí teve um moço aqui de Malhada sempre ele teve um conhecimento aqui na comunidade” (Sr Raimundo Nonato Neryde Brito, entrevista realizada 27 de julho de 2015, em Tomé Nunes);

Para reconhecimento de remanescentes de quilombos é preciso muito mais do que apenas a questão racial. Reconhecer uma comunidade como quilombola implica em avaliar as formas de cultivar a terra, as vestimentas, as danças, as brincadeiras, as festas e outras maneiras de viver, que caracterizam o cotidiano dos moradores.

De acordo a memória de moradores, especificamente o professor Liobino 48 anos, “a comunidade se originou de uma fazenda de um único dono que chamava Tomé Nunes, e foi em sua homenagem que a comunidade recebeu esse nome”. (Entrevista realizada 27 de julho de 2015, em Tomé Nunes)

O Professor Liobino e a senhora Joanita são filhos, netos daqueles que não deixaram a história da comunidade morrer e por isso são repassadas de geração em geração.

Todas essas narrativas contadas por estes moradores veem ratificar as palavras do Antropólogo José Jorge de Carvalho (1997,0p. 2) no que remete a quilombos contemporâneos:

[...] uma boa parte descende diretamente de quilombos históricos, enquanto a maioria delas foi formada a partir da relocação e reorganização de quilombos desfeitos pelas forças de pressão da sociedade escravista, ou mesmo em consequência das condições geográficas e naturais especialmente adversas de sobrevivência física de seus membros fundadores.

São os próprios entrevistados, moradores há décadas na comunidade que contam e recontam suas origens principalmente sobre a forma de povoação e as muitas dificuldades e sofrimentos vividos por eles em busca da sobrevivência.

É uma comunidade que vive unicamente da roça, segundo a agente comunitária e moradora da comunidade Joanaita Dias de Brito, há na comunidade 100 famílias e o sustento vem daquilo que eles plantam e conseguem colher. Atualmente com a ajuda e a participação da comunidade no Programa de Aquisição de Alimentos (**P. A. A.**) eles plantam e vendem ao governo eles ainda participam do Programa Nacional de Alimentação Escolar (**P.N.A.E.**). Dessa forma como mostrado na fotografia os moradores buscam aquilo que o próprio quilombo produz para a sustentabilidade familiar .

FOTO 1:



(Foto tirada pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva em 01/08/2015, em Tomé Nunes)

Na foto acima podemos observar outra prática constante na economia dos quilombolas de Tomé – Nunes que é tradicional colheita do tamarindo para a produção da polpa a ser entregue ao Programa do governo PENAE e assim serem distribuídas entre as escolas do município para a composição da merenda escolar. Além de tamarindo a comunidade produz e repassa aos referidos Programas: melancia, mamão, “cheiro verde” (cebolinha, coentro, alface, couve), tempero caseiro (alho, sal e coentro), bolos de mandioca, polpa de maracujina, entre outros.

Uma outra fonte de subsistência é a farinha. A farinha é o produto final da maniva ou mandioca plantada por estes moradores. Essa prática da produção da farinha é remanescente da cultura afrodescendente, o que revela mais uma vez as origens desse povo. Quanto a saúde e a educação estas são subsidiadas na sede do município. Há a agente de saúde na comunidade que além dos atributos a sua profissão marca exames e encaminha os pacientes à sede do município. A educação é mantida pelo governo municipal, na comunidade funciona apenas o Ensino Fundamental I. Terminando esta fase os alunos são encaminhados a Malhada.

1.1 O ENCONTRO ENTRE AS TRADIÇÕES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA E O CONTEXTO ESCOLAR:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Paulo Freire, 1997.

A comunidade de Tomé Nunes localizada a dez quilômetros da cidade sede da comunidade envia (40 alunos – ano 2015) alunos no ensejo de cursarem o Ensino Fundamental na Escola Municipal Paulo Souto, esta é mantida pelo governo público. Esta pesquisa busca especificar de que forma acontece esse encontro entre os alunos quilombolas e a Escola (cultura exterior), bem como todos envolvidos no processo de ensino aprendizagem desses educandos e quais os reflexos desse encontro na constituição da identidade desses educandos.

A Escola Municipal Paulo Souto fundada em 06 de julho de 2005 oferece o curso regular do ensino fundamental II do (6º ao 9º ano). A instituição de ensino é composta pelos seguintes funcionários: 14 professores, dos quais 11 possuem licenciatura e 3 (oito) estão em período formação. A equipe gestora possui os seguintes integrantes: diretor- Fábio Querino de Souza, vice-diretor- Edmilson Carlos Souza de Carvalho, coordenadora pedagógica: Josiane Lima, secretária- Ivonete Viana da Silva e Agentes administrativos - Joana de Souza Gomes Vieira e Tereza Cristina Pereira da Silva. A escola conta ainda com 6 (seis) auxiliares de serviços gerais, 3 (três) auxiliar de nutrição, 2 (dois) porteiros, 01(um) vigilante, auxiliar administrativa e por fim 1(uma) bibliotecária.

O Paulo Souto oferece aos alunos e professores, seis salas com capacidade para 35 alunos sendo divididas em 10 (dez) turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II todos oriundos da própria comunidade e circunvizinhança; auditório; secretaria; pátio; sala de professores a escola conta ainda com cinco banheiros, há também sanitários com adaptações às pessoas com necessidades especiais, na entrada da escola igualmente se

observa a inclusão desses, pois há a presença de rampas de acesso para alunos cadeirantes, mesmo não tendo a presença de aprendizes com esse perfil na instituição; a escola ainda oferece uma biblioteca com um excelente acervo de livros variando desde livros de literatura juvenil, adulta, a manuais e livros de apoio didáticos aos educadores.

Todo esse universo escolar é subsidiado em seus trabalhos pedagógicos pela coordenadora pedagógica Josiane Faria, graduada em Letras, que de acordo a entrevista cedida procura trabalhar em consonância com o que rege a LDB 9394/96 bem como o Plano Municipal de Educação, contemplado e aprovado no corrente ano. Ainda sobre trabalhos pedagógicos e Currículo escolar a coordenadora assevera que:

“A escola oferece, através de projetos pedagógicos, condições para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos já que buscamos explorar constantemente a diversidade, uma vez que recebemos 40% de discentes quilombolas. [...] Portanto inserir no Currículo da Escola assuntos que aborde a realidade étnica cultural brasileira é nosso dever”. (Entrevista concedida 31/07/2015, na Escola Municipal Paulo Souto).

No que se refere ao Planejamento Anual e diário e a atenção à promoção da cultura da identidade quilombola, o professor Sérgio Cardoso, 43 anos, graduado em pedagogia e especializado em geografia e meio ambiente, salientou que:

“Esforça-se para fazer constantes recortes com conteúdos e textos nesse sentido, sobretudo, quando a discussão envolve a discriminação, a dívida social que o país tem com os afrodescendentes e as personalidades desse grupo que contribuiu e contribui para a construção do saber sistematizado. Entretanto os materiais didáticos disponíveis, a estrutura curricular da escola não conseguiu ainda ter esse foco”. (Entrevista concedida em 31/07/2005, na Escola Municipal Paulo Souto)

Queixas como as do professor Sérgio é frequente já que segundo ele “são visíveis lacunas existentes entre os conteúdos escolares no que diz respeito às questões históricas, culturais, geográficas, linguística, entre outras”. Mas esta percepção do professor se estende também aos alunos. Em entrevista (concedida 31/07/2015, na Escola Municipal Paulo Souto) a aluna P.P.S. ressalta “não conhecer o que é identidade negativa e que conteúdos referentes a cultura que ela vive é vista apenas em datas específicas”. Dessa maneira torna-se perceptível que em se tratando de currículo oculto ou manifesto, este documento que é responsável por nortear o que deve ser ensinado na escola, muitas vezes pode ser a porta de entrada para comportamentos preconceituosos, intolerantes e discriminações dentro da escola.

Ao se pensar em quem são estes educandos que adentram a escola é importante lembrar que são adolescentes com faixa etária situada entre onze a dezesseis anos e que, buscam estabelecer um diálogo entre sua cultura e o contexto escolar. Como acontece esse encontro? Como são acolhidos? Sobre essas questões a Joseane Lima, 38 anos, pontuou:

A escola como espaço de formação e socialização procura acolher de igual modo todos os sujeitos tratando a diversidade como tema imprescindível na construção da identidade e ofertar uma educação justa e igualitária que respeita e saiba conviver com as diferenças. (Entrevista concedida em 31/07/2015, na Escola Municipal Paulo Souto).

O tema “Afrodescendente” ou “quilombola” na atualidade tem assumido um importante lugar na sociedade. Novas Leis, decretos e programas têm surgido em prol do desenvolvimento e garantia dos direitos humanos aos descendentes de africanos que por décadas tiveram garantias, direitos e valores negados, em muitos casos sofrendo inúmeras injustiças sociais.

Um exemplo dessa injustiça está na fala da aluna P.P.S. (Entrevista concedida a pesquisadora Carla Daiane em 31/07/2015, na Escola Municipal Paulo Souto) quando nos informa que muitas vezes é nominada pelos colegas

como “negra preta do Tomé – Nunes”. Segundo ela, na maioria das vezes, estes comentários proferidos por alguns alunos não são repelidos pelo professor.

Essa invisibilidade, proporcionada pela atitude do professor perante essa agressão pode ser mais um elemento que nos ajuda a compreender o motivo pelo qual o racismo cresce e o bullying, motivado pelo preconceito racial ganha espaço dos contextos escolares pelo mundo e também na escola Municipal Paulo Souto.

Um fato que nos chama a atenção é que nas entrevistas as estudantes mesmo sofrendo inúmeros momentos de discriminações e preconceitos pelos colegas elas procuram não desistirem e nem omitirem a sua cultura quilombola, vejamos:

“Eu até já pensei em ser igual a uma colega minha (branca do cabelo liso – friso meu) adotar a identidade dela, mas voltei e valorizei a minha cultura por que tem muita gente que queria ser igual a mim, na minha maneira de dançar, no jeito de andar, vestir, falar, cabelo (penteados), etc.” P. P. S. (Entrevista concedida em 31/07/15, 13 anos, na Escola Municipal Paulo Souto)

Ainda sobre o preconceito e a discriminação a coordenadora e o diretor foram questionados qual tem sido o posicionamento da escola frente a estas situações, ambos responderam:

A postura da escola frente as relações de preconceito é sem dúvida a de mostrar aos indivíduos que somos todos portadores do sangue dos negros que povoaram o nosso país, é a partir do diálogo e da elaboração de projetos temáticos que buscamos mostrar que somos todos iguais em direitos, mas todos diferentes como pessoa, afinal não temos as mesmas digitais cada um é único e cada um tem seu valor. Josiane Lima, coordenadora pedagógica da E.M.P.S. (entrevista 03/07/2015, na Escola Municipal Paulo Souto)

Partindo dessas falas do professor, do diretor e da coordenadora se perguntássemos ao grupo de professores e a coordenadora qual o objetivo de

ensino, qual o tipo de aluno gostaria de ajudar a formar, não haveria uma discordância nas respostas. Faz parte praticamente de todo o discurso pedagógico citar, como objetivos do ensino, a formação de alunos autônomos, conscientes, reflexivos, participativos, cidadãos atuantes felizes, cidadão que, sobretudo respeita a diferença do “outro”. Não aparecem no discurso características como a passividade, submissão e alienação.

No entanto se olharmos através das lentes do cotidiano escolar, na Escola Municipal Paulo Souto, todos esses discursos não se legitimam nas falas dos alunos. Os depoimentos desses revelam um cotidiano adverso da fala do coordenador e do professor ao afirmarem que a escola prima por um ensino igualitário. Nas falas dos alunos aparece justamente o contrário, elas revelam o preconceito presente e exposto que, em muitas vezes, não é trabalhado pelos educadores.

O Ser Humano é por si um elemento histórico que faz história em diferentes contextos. Entretanto, fazer história remete o indivíduo a uma ação emblemática entre o seu passado (suas origens), no caso desses alunos, a origem quilombola, por extensão afrodescendente, o presente e o futuro. É dessa forma que o aluno pode se reconhecer como Ser dotado de direitos e deveres. Por fim, as ações da escola se desenvolvem em prol do envolvimento e interação desses alunos de diferentes culturas, assim as ações pedagógicas privilegiam a realização de intercâmbios, apresentações culturais enfatizando a trajetória do negro no Brasil e sua importância na formação de nossa cultura e nossa identidade.

Capítulo - 02

A CULTURA AFRODESCENDENTE E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

Todo o povo, geralmente, carrega consigo traços e resquícios de culturas diversas. No Brasil, a cultura é resultado do encontro de povos oriundos de várias partes do mundo, dentre eles portugueses, africanos, holandeses, franceses, sem esquecer dos povos indígenas, entre tantos outros compõem a nossa diversidade cultural. Essa diversidade carrega consigo marcas que constituem a nossa forma de nos relacionarmos com o espaço e tempo. Pois como afirma Clifford Geertz (1989. Pg. 448) a cultura é uma teia de significados ao qual o homem está amarrado.

Na busca da integração entre o homem e a cultura, deve-se entender que a cultura é mais do que alguns padrões complexos de comportamento, mas um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento humano através de uma simbologia cultural que estará lá quando o indivíduo nascer e ainda estará lá quando ele morrer, tendo ele a modificado ou não.

Ou seja, a cultura é algo inerente ao homem, está em sua natureza ser um ser cultural, é um instrumento para a convivência em sociedade. Portanto, não existe uma natureza humana independente da cultura. Em suma cultura é uma estrutura de significados por meio dos quais homens e mulheres dão forma a sua experiência, organizando simbolicamente suas vidas.

Em muitos casos acostumamos tanto a tratar a cultura como única que chegamos ao ponto de expressar: a cultura brasileira; como se existisse uma singularidade cultural em nosso país. A cultura no âmbito do seu seio, como assevera Bosi:

“na medida em que há frações do interior do grupo, a cultura tende também a rachar-se, a criar tensões, a perder a sua

primitiva fisionomia que, ao menos para nós, parecia homogênea” (BOSSI, 1992, Pg. 308).

Contudo a antropologia em seus estudos já fazia algumas classificações sobre a cultura tanto que repartiram no Brasil culturas como: cultura indígena, cultura negra, cultura branca, cultura mestiças acerca disso remete Leila Teixeira em seu artigo intitulado “Comunidade de Tomé Nunes: memória e construção identitária no alto sertão baiano”. É evidente que dentre elas houve ramificações e diversas culturas foram surgindo e assim temos esse país que podemos chamar de pluricultural. Abordaremos aqui o conceito cultura de maneira fechada a questões éticas e culturais não abrangendo no momento a amplitude que se tomou tal conceito.

No presente trabalho especificaremos em caráter especial a cultura afrodescendente comum às comunidades Quilombolas. Estas que segundo o INCRA são:

Grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana -, que auto definem a partir das relações com a terra, com o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e as práticas culturais próprias.
INCRA - <http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas>
acesso em 13/08/2015

A comunidade quilombola de Tomé Nunes no interior da Bahia cultiva e mantém a cultura afrodescendente desde as práticas cotidianos no que se refere ao cultivo das tradições dos seus ancestrais no que se refere ao cultivo da terra, à religiosidade, às manifestações das danças e na organização cotidiana da própria comunidade, que estabelece suas hierarquias ainda comum aos modos de vida tribais, principalmente referente aos papéis sociais encarnados por cada membro. Essa comunidade de 100 (cem) famílias negras procura preservar e repassar de geração em geração a sua ancestralidade na forma das tradições vividas por seus antepassados.

Quando falamos em cultura remetemo-nos ao conceito de identidade, pois como nos lembra Stuart Hall (a partir da cultura é possível compreender a Identidade como uma expressão polissêmica que envolve sentido e significado.

É através da cultura que nos produzimos a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos dando forma às nossas identidades culturais. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar-se. Dessa maneira Identidade e cultura estão de tal forma relacionadas que é impossível separá-las.

Identidade segundo FERREIRA (pg. 2000, 48) é uma referência em torno do qual o indivíduo se autor-reconhece e se constitui estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o “outro”. Dessa forma identidade e cultura estão intimamente relacionadas já que a cultura é o referencial para a construção da identidade. O Ser Humano é social, portanto vive em sociedade e na interação cultura e identidade vai identificando suas formas de pertencimento aos grupos étnicos, culturais, sociais, entre outros.

A Identidade dá ao ser humano o poderio de pertencer-se, de ser alguém mesmo estando em um mundo diverso. FERREIRA (2000, pg. 48) salienta:

Identidade tem relação com individualidade – referência em torno da qual o indivíduo se constrói; com concretude – articulando-se com uma vida concreta, vivida por um personagem concreto e alicerçada numa sociedade concreta; com temporalidade – transforma-se ao longo do tempo; com socialidade – só pode existir em um contexto social; com historicidade – vista como configuração localizada historicamente, inserida dentro de um projeto que permite ao indivíduo alcançar a autoria na sua forma particular de existir. (FERREIRA, 2000, p.48).

Não é preciso deixar de ser o que é para exercer sua particularidade, ou a particularidade de seu povo. O contato com as diferentes identidades é o que enriquece o processo de construção das identidades e a reafirmação da cultura.

O Brasil é um país que desde a colonização é visível a miscigenação entre os povos que aqui aportaram e os que aqui já estavam. Suas marcas são visíveis nas nossas formas de organização social, política, econômica e cultural. Mas há que se ressaltar que o embate entre as culturas diferenciaram

por vezes, na nossa história, o que era digno de ser preservado e o que deveria ser esquecido. Geralmente este debate privilegiou aquilo que era originário dos povos europeus, mais especificamente o que coadunava com a raça branca. Mas há que se ressaltar que os povos indígenas e os povos africanos, a partir de formas variadas de resistência, imprimiram suas heranças na cultura brasileira.

No que se refere a cultura negra isso pode ser observado a partir dos valores culturais, da culinária, da música, do modo de pensar... Olhando pelas lentes da história é possível refletirmos sobre o longo caminho de luta e resistência desse povo para manter a sua identidade. Foram anos de discriminação, escravidão, pobreza, desigualdade, violência que resultaram em preconceito e racismo vistos hoje na sociedade.

Apresentando o processo de desenvolvimento da identidade afrodescendente, Ricardo Ferreira, pesquisador, alerta quanto aos quatro estágios para o desenvolvimento da identidade afrodescendente:

- 1- **Estágio da submissão**- é caracterizado pela idealização do mundo branco como escudo. É a famosa submissão em que o negro omite sua identidade por achar que o “branco é certo” e o “negro é errado”. É uma forma errônea de ver o mundo branco como superior. Em decorrência dessa atitude há a desvalorização do mundo afro, pois muitos acham insignificante ser afrodescendente.
- 2- **Estágio de impacto**- é a descoberta do grupo étnico racial como referência. Este é um momento impactante na vida do afrodescendente, que percebe que sua identidade tem valor. Nesse estágio se dá o reconhecimento da identidade referenciada nos valores africanos e que começa a se desenvolver. A partir desse estágio ele passa ao estágio de militância.
- 3- **Estágio de militância**- é o processo de construção da identidade afrocentrada. É o momento onde o indivíduo entra e sai da crise de mergulho no mundo negro. Ele se interessa por assuntos relevantes ao seu povo, questionando a realidade a sua volta. É a autoafirmação da sua identidade afrodescendente.

4- **Estágio de articulação com a identidade autoafirmada**- este é o processo de abertura para o “diferente”, “o outro” numa perspectiva afrodescendente e não estereotipada. Este é o estágio mais relevante, pois o que antes era visto como algo de pouca importância, a raça, e a cultura africana agora são encaradas como fundamentos para sua vida cotidiana e sua prática de vida.

Este último estágio foi citado no depoimento da jovem afrodescendente do quilombo de Tomé Nunes Iranice Dias (28 anos).

O que antes meus pais sentiam vergonha de dizer por que os colegas e os povos até podia agredir eles. Eu aonde passo ou onde vou tenho orgulho de gritar: sou quilombola afrodescendente. Meu cabelo é trançado ou rasgado, essa é uma maneira de assumir quem eu sou. (Entrevista em 27/07/2015, Tomé Nunes)

O primeiro estágio foi vivido pelo pai dessa jovem, o senhor Raimundo Neres Dias:

Teve dia da gente passar pela rua escondido por causa da nossa cor por que as pessoas via a gente e de longe já gritava: “lá vai o negrinho feiticeiro” ou “ vai nego fedorento” e com isso a gente preferia ficar aqui no terreiro, num tivemos estudo por conta do medo. (Entrevista em 27/07/2015, em Tomé Nunes).

Dessa maneira o afrodescendente passa pelo processo do medo ao da coragem para assumir sua própria identidade.

Ainda, para se constituir a cultura afrodescendente observa-se a principio uma herança biológica como discutido anteriormente, em consonância com o que se exige em Lei, no DECRETO Nº 4.887, de novembro de 2003:

Artg.2. Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnicos raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotadas de relações territoriais específicas com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão sofrida.

A partir da identidade cultural e do autor-reconhecimento, pelas bases legais que regem o país o remanescente de quilombo começa uma nova

história de lutas, descobertas e conhecimento, agora como o “outro” de uma cultura diferente. Atentar-se-á neste momento a falar o encontro entre a cultura afrodescendente e as múltiplas culturas encontradas no universo escolar.

2.1 AS QUESTÕES CULTURAIS E A ESCOLA

A educação é uma das questões que exercem grande influência na experiência humana. Segundo a Lei de Diretrizes e Base da educação:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB Lei 9394/96, TÍTULO II, Art. 2º)

Desta forma, o local da educação formal deve ser um ambiente favorável às experiências educativas. Nesse sentido a educação uma forma de reconstrução e reorganização da experiência, uma vez que é através da educação que o indivíduo se torna capaz de perceber o sentido de cada experiência vivida. Isso o permite direcionar melhor as experiências futuras.

Nessa ordem de pensamento o ato de aprender é contínuo, pois o ser humano aprende o tempo todo em seus processos de interações. A experiência vivida permite a emersão dos saberes, crenças, conhecimentos, costumes e práticas dos grupos sociais. Esses grupos transmitem suas experiências às gerações mais novas por meio do processo educativo. Assim, Portanto podemos perceber a íntima relação entre cultura, identidade e educação, pois é pela educação, seja ela formal ou informal que a sociedade se perpetua produzindo seu imaginário por meio de símbolos e construindo seu pertencimento a um tempo e um espaço historicamente constituídos.

É na esteira dessa relação entre identidade, cultura e educação que a cultura afrodescendente, hoje é amparada pela Lei 10639/2003, adentra ao espaço escolar, e como não poderia deixar de ser, até pelo público atendido, também é contemplada no projeto político pedagógico da Escola Municipal Paulo Souto.

Ensinar e aprender atitudes requer um posicionamento claro e consciente sobre o que e como se ensina na escola. Esse posicionamento só pode ocorrer a partir dos estabelecimentos das intenções do projeto educativo da escola, para que se possa adequar e selecionar conteúdos básicos, necessários e recorrentes. (PCN, V. 1 p. 76).

Diante dessa afirmação é possível refletir sobre o espaço que ocupa na grade curricular o ensino da cultura afrodescendente na escola. Assim cabe à Escola Municipal Paulo Souto recepcionar estudantes oriundos do quilombo a partir de uma perspectiva que garanta ao aluno a possibilidade de afirmar sua cultura. Como assevera o PNEDH (Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos):

(...) afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade, bem como o desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados. (BRASIL, 2013, pg, 519).

As questões culturais nas escolas quando abordadas refletem uma prática educativa em que está implícito que ensinar não é transferir conhecimento, mas é sim permitir o surgimento de possibilidades em que se configura a sua produção. Portanto o objetivo da educação em que está contido o pressuposto da valoração cultural do educando permite criar nele um estado interior e profundo que o orienta na sua vivência. Ao se valorizar a cultura afrodescendente no espaço escolar a educação pode contribuir para a autoformação da pessoa, na medida em que ensinar permite aos alunos do Quilombo Tomé Nunes - Malhada assumir a sua condição humana, pois ensinar a viver é também ensinar como se tornar cidadão.

Nessa perspectiva não se pode esquecer que não há docência sem discência, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”. Nesse processo de interação entre docência e discência ambos interagem na construção do conhecimento. Esse autor afirma ainda, que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa”. (FREIRE, pg.5, 2011).

O processo educativo só se realiza nessa simbiose entre educando e educador. Segundo Paulo Freire “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética”. (FREIRE, 2011 p. 26).

O educador deve sempre considerar todo o acúmulo histórico-social que o aluno tem, portanto aprender a:

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária [...], por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos [...], por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2011, p. 31-32)

Portanto, pensar no ensino para educandos oriundos de comunidades quilombolas é pensar numa escola que tenha como projeto a educação a partir da diversidade étnico racial, ou seja, é considerar cada cultura na sua singularidade, é permitir que elas adentrem ao currículo escolar sem nenhum processo estigmatização da cultura que vem do “outro”.

A estigmatização é uma ação ou situação que mantém ou aprofunda uma condição de desvantagem, de vulnerabilidade ou de desrespeito aos direitos fundamentais da pessoa.

É nessa perspectiva do estigma cultural que procuramos refletir sobre a educação na escola Municipal Paulo Souto, haja vista termos durante a pesquisa notado que o desrespeito a diversidade cultural do “outro” às vezes gera casos sérios de bullying entre os alunos. Se partimos do pressuposto de ser a educação um direito constituído por Lei, não podemos coadunar com ações que geram discriminações, estereótipos ou imposições de padrões concretas e simbólicas a determinados grupos, neste caso, os quilombolas. Se o espaço educacional não atuar com ações efetivas com vistas a eliminação de pré-conceitos a ação libertadora da educação como preconiza Paulo Freire (2011) fica comprometida na sua essência, pois além de produzir a baixo auto

estima, constrói barreiras para o processo de aprendizagem. E no caso dos alunos quilombolas, muitas vezes os levam a negarem suas identidades referenciadas em matrizes culturais africanas.

Portanto respeitar “o diferente” vale ressaltar, torna-se fundamental na valorização e no desenvolvimento humano sustentável e mesmo na construção de uma noção que tenha por base a democracia, a justiça, a paz.

2.2 AS AÇÕES INTERVENTIVAS

Após conhecer a realidade dos alunos quilombolas dentro do espaço da escola buscou-se desenvolver e colocar em prática um projeto de intervenção que contemplasse e revigorasse o querer ser quilombola. A autoafirmação quilombola não é pertinente apenas ao contexto escolar, ela precisa ser trabalhada em seus diversos contextos até que se forme a consciência de quem realmente são estes sujeitos e o porquê pertencem a determinado grupo e não ao outro.

Essas foram questões observadas ao longo da pesquisa, dentro e fora do quilombo, dentro e fora da escola nos motivaram a elaborar e realizar uma tarde cultural no quilombo de Tomé Nunes. A proposta era uma tarde de grandes encontros de raças, cultura, saberes, experiências, competências, habilidades, sabores, danças, crenças, sobretudo um momento ímpar de conhecimento da identidade afrodescendente. O objetivo era encontrar o “outro” se reconhecer como quilombola a partir do processo de alteridade propiciada por esse encontro com o diferente. Era a perspectiva de entender o faz com que estes alunos se identifiquem como quilombolas.

Aconteceu na tarde de 22 de agosto de dois mil e quinze. Fez-se presente toda a comunidade escolar (Escola Municipal Paulo Souto), a Escola Municipal Senhor do Bonfim (escola da comunidade de Tomé Nunes), Professora Juliana Farias (1ª palestra), Professora Josemária Alves (2ª palestrante), pais, moradores da comunidade, Secretária de Cultura do Município de Malhada, pais, moradores, convidados e moradores das comunidades circunvizinhas.

Iniciou-se as 14: 00 horas com uma palestra com a Professora Juliana Farias, graduada em Letras pela UnB e pós graduanda em Desenvolvimento Humano Educação e Inclusão Escolar (UnB). A professora explorou o tema: “Sou quilombola. E assumo.” Foi uma palestra de valorização e autoafirmação à cultura quilombola, a identidade quilombola. Em um segundo momento deu-se a oficina de penteados Afros. A jovem Iranice Dias iniciou ensinando como fazer alguns penteados afros. Essa oficina agradou tanto que ela se estendeu a mais membros que pentearam algumas pessoas que estavam presente e optaram por mudar o visual naquela tarde.

As 16:00 horas a Professora Josemária Alves, graduada em Letras (UnB) e pós graduanda em Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultura IP/UnB, usou o espaço para palestrar, conversar com todos ali presentes em especial as comunidades escolar sobre a Lei 10.639/2003 e suas implicações sobre a educação e os sujeitos destas. Em seguida houve uma apresentação do grupo de dança da própria comunidade. Dando continuidade Joanita Dias fez a apresentação das comidas típicas da região e em especial, do quilombo.

Finalizando a tarde cultural a Secretária de Cultura, Josedalva Farias, pedagoga utilizou a palavra agradecendo todos ali presente frisando sobre a importância da preservação e autoafirmação cultural. A tarde terminou com uma grande roda de samba entre os quilombolas e visitantes.

FOTO 2



(Foto tirada pela pesquisadora 22/09/2015, em Tomé Nunes)

Foto 3



Foto tirada 22/08/2015 pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva, em Tomé Nunes.

Foto 4



Foto tirada 22/08/2015 pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva, em Tomé Nunes

Através das atividades de intervenção tanto a comunidade quilombola, como a comunidade escolar tiveram a oportunidade de observar o quão valioso é o quilombo, a terra daqueles alunos que muitas vezes são estigmatizados com ações preconceituosas que não reconhecem o valor da cultura afrodescendente.

Capítulo - 03

A IDENTIDADE ÉTNICA NEGRA E AS RELAÇÕES EXTERNAS NA COMUNIDADE DE TOMÉ NUNES.

A comunidade de Tomé Nunes está entre as diversas comunidades quilombolas reconhecidas no Brasil. Nela, creio que como nos outros quilombos, é possível observar a consciência de cada morador no que se refere a sua origem africana. Uma origem que se enraíza na história brasileira, e que está associada aos vários processos de resistência à escravidão, à luta pelo território, pela identidade étnico-racial e pelas suas especificidades históricas, sociais, culturais, políticas e econômica.

A identidade quilombola abrange aqueles homens e mulheres que lutaram por manter, apesar da complexidade, uma cultura cuja ancestralidade não pode ser negada, fazem parte de uma comunidade que desde o princípio da colonização brasileira tiveram seus direitos negados.

Assim o lugar da luta por espaço, pelo direito a vida, pelo reconhecimento da ancestralidade, pela ressignificação da pelos memória, conhecimentos tradicionais, formas de cura e de cuidado são partes constitutivas da identidade quilombola. Esta luta pela autoafirmação da identidade, agora reconhecida e gritada por muitos quilombolas faz parte de um processo intrinsecamente ligado a um histórico de resistência, construído de acordo com as especificidades locais, regionais, políticas e culturais de cada quilombo. O Quilombo de Tomé Nunes enfrentou fazendeiros e grandes latifundiários para firmarem seu território, mas mais do que isso, travam uma briga ferrenha contra o racismo advindo das comunidades externas e localidades circunvizinhas.

No contexto educacional, bem como no geral, é preciso inaugurar um tempo novo, pautado por uma lógica de valorização da diversidade e repúdio à intolerância, é necessário assumir o compromisso efetivo com uma educação multirracial e Inter étnica. Portanto uma educação que contemple as

necessidades desse público (o povo negro e os quilombolas). Com esse propósito é preciso mudar a realidade escolar atual por meio de uma intervenção competente e séria. Faz-se mister a implementação de inovações temáticas e teórico-metodológicas no cotidiano escolar de forma coletiva, gradativa e teoricamente fundamentada que tenha como perspectiva o reconhecimento da diversidade.

Pautada nessa perspectiva esta pesquisa foi realizada a partir da perspectiva da história oral. Para tanto os moradores moradoras foram ouvidos, bem como professores da escola, o diretor, alguns alunos e a coordenadora. Nas vozes desse sujeito encontramos narrativas variadas que testemunham a história, a cultura, enfim as vivências cotidianas dos moradores da comunidade remanescente de quilombo Tomé – Nunes.

Durante as visitas buscamos conversar com os moradores, com os professores da própria comunidade, líder comunitário, adolescentes, grupos de danças, todas essas pessoas com faixa etária variando de 12 aos 76 anos. Ao todo foram quinze pessoas entrevistadas entre moradores, estudantes, professoras, coordenadores e diretor. A escolha dessas pessoas deve-se ao fato de serem elas envolvidas com a comunidade quilombola seja ele pertencente à comunidade quilombola, ou não. Neste estudo a preocupação foi dar vozes aos sujeitos até então invisíveis que através de entrevistas orais puderam explanar sobre tudo que lhe pertence: a cultura. Assim acreditamos que:

Esta forma de abordagem tem sido valorizada, uma vez que trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente. (GONÇALVES E LISBOA, 2007, PG. 84).

Quando questionada sobre uma educação voltada para a valorização e o respeito à diferença a coordenadora Joseane assevera que a “Escola faz o seu papel ofertando uma educação justa e igualitária onde os alunos respeitam e saibam conviver com as diferenças” (Joseane Farias, Escola Municipal Paulo Souto, 31/07/2015). Porém há controvérsia em relação à entrevista com o

professor Sérgio que ressalva “a falta de material didático e paradidático para que atinja o foco de trabalhar com as diferenças dentro da sala de aula”,(Entrevistado Sérgio Cardoso, Escola Municipal Paulo Souto, 31/07/2015). Sendo comprovado na fala da estudante que diz “Eu fui chamada de negra preta do Tomé Nunes” (Patrícia Pereira dos Santos, Escola Municipal Paulo Souto, 31/07/2015). Estas discrepâncias resvalam no processo ensino aprendizagem do aluno, que muitas vezes fracassa na escola. Esse fracasso ao invés de ser discutido e debatido pela comunidade, acaba sendo atribuído ao aluno que passa a ser rotulado como incapaz de se adequar ao sistema.

Diante das falas verifica-se a necessidade de ressignificação do discurso, no que tange ao respeito à diversidade na Escola Municipal Paulo Souto, já que ao se analisar as falas é possível constatar algumas contradições entre as o que diz a coordenadora que julga trabalhar muito bem a temática preconceito, o professor que se queixa da falta de materiais didáticos disponíveis e da aluna que diz sofrer discriminação na referida instituição.

Assim o encontro que deveria ser para o crescimento intelectual do jovem quilombola ao se colocar em contato com a cultura externa no espaço da Escola Municipal Paulo Souto torna-se em muitos casos momentos de estigmatização e exclusão, já que as questões culturais abordadas na escola ainda não conseguiram atingir seu foco principal – a pedagogia da diferença.

As relações que se desenvolvem no contexto escolar que deveriam ser de tolerância, de respeito as diferenças étnicas e culturais não se confirma quando ouvimos os alunos. Em verdade as trocas e as mediações pertinentes às situações de ensino aprendizagem são valores que ainda carecem de ser elaborados em conjunto com os atores envolvidos no processo de construção de conhecimento.

Há que se lembrar que a educação na vida da criança, seja ela no espaço formal da escola, ou não é o que permite o processo de aprender, de ler, de compreender o mundo e suas regras, o conhecimentos socialmente produzidos, a formação da identidade. Enfim é no processo de ensino aprendizagem que surgem s mudanças comportamentais, mudanças essa que trazem inquietações.

É no processo de educação que se percebe-se a necessidade de observar a complexidade humana, mais especificamente nessa pesquisa a complexidade do ser quilombola. Afinal esses indivíduos são seres que pensam, criam, produzem, amam, odeiam, têm sonhos, sorriem, sofrem e fazem sofrer, que têm aparência e compleições físicas, pertencimento étnico-racial, posturas, que tem história, memória, conflitos afetos e saberes inscrito no seu corpo e na sua personalidade. Falando em corpo e personalidade uma das componentes do grupo de dança da comunidade ressaltou que “ É através da nossa dança que buscamos comprovar aquilo que somos e não temos vergonha de expor”. Entrevista cedida por Iranês Dias, Tomé – Nunes - Ba, 22/08/2015.

Essas palavras nos levam a pensar as marcas históricas que constituem a identidades daqueles estudantes quilombolas, isto é, suas características pessoais, etárias, socioculturais e étnico-raciais. Diante delas cabe uma reflexão: é preciso que a escola estabeleça diálogos com as várias áreas do conhecimento, como, por exemplo, a antropologia, a sociologia, a história, a geografia, a psicologia, a linguística e as artes. Pois somente nesse diálogo é possível à essa comunidade o direito ao ensino multidisciplinar onde essas área em conjunto possibilitem melhor compreensão das marcas culturais constitutivas do povo quilombola.

Mas mesmo com toda essa problemática detectada no espaço escolar, percebe-se que a escola Paulo Souto ainda é uma perspectiva de ascensão e melhoria de vida para os jovens quilombolas. Muitos pais, avós, tios, parentes e moradores de Tomé Nunes desejam aos jovens contemporâneos a oportunidade que uma vez lhes foram tirada como conta o Senhor Gerônimo Alves dos Santos (81 anos):

As condições de estudar era mais difícil, eram muitos filhos, lá em casa eram doze e meus pais não tinha como deixar nós estudar porque agente tinha que trabalhar para ajudar nos mantimento. Hoje a escola está boa. O que falta é falar da nossa história lá também para todo mundo conhecer e saber que a gente é gente. (Entrevista realizada em 22/08/2015, Tomé – Nunes –Ba).

Foto 5



Foto tirada em 22/08/2015, Tomé - Nunes

Diante da situação, alguns aspectos sobre essa articulação seriam imprescindíveis nos momentos de encontros pedagógicos. Momentos que deveriam fazer parte das reflexões e estudos de todo o corpo docente já que a LDB, PCNs primam por um ensino pluricultural, multidisciplinar. Essa prática poderia significar avanços consideráveis no aprimoramento da prática pedagógica diária, pois integrar saberes significa incluir a dimensão da diversidade étnico-cultural criticamente no cotidiano escolar, permitindo a pensar-se na possibilidade de cunhar possibilidades onde felicidades individuais e coletivas sejam construídas.

Quando questionado sobre a pluralidade cultural e diálogo com as diferentes culturas na escola o diretor, Fábio Querino de Souza, respondeu:

Sempre tem discutido esses assuntos em reuniões e encontros pedagógicos, no entanto vejo que ainda falta muito para que a escola viva em paz com as diferentes culturas. É lamentável, mas ainda é presente a segmentação do ensino por disciplina, principalmente a questão quilombola que fica com o professor de história onde sei que deveria trabalhar em todas as disciplinas, ou seja, de maneira interdisciplinar. (Entrevista realizada em 31/07/2015, Escola Municipal Paulo Souto).

A Lei 10.639/2003 assevera um olhar atento quanto ao Projeto Político Pedagógico. É preciso um olhar atento dos profissionais da educação no que se refere a uma leitura e análise da realidade escolar, bem como uma reflexão sobre essas análises no ensejo de abandonar práticas retrógradas e substituí-las por propostas efetivas, favorável a ações pedagógicas eficientes. O Professor Sergio lamenta e lança o seguinte comentário quanto a elaboração de Plano Anual e dos planos diários que contemplam essa temática.

Em base pessoal eu me esforço para sempre fazer um recorte com esses conteúdos (a temática quilombola), sobretudo quando a discussão envolve a discriminação, a dívida social que o país tem com os afrodescendentes e as personalidade desse grupo que contribuiu e contribui para a construção só saber sistematizado. Entretanto, os materiais didáticos disponíveis na escola, a estrutura curricular da escola não conseguiram ainda ter esse foco. (Entrevista realizada em 31/07/2015, na Escola Municipal Paulo Souto).

Percebe-se que Planos Anuais, Projetos Pedagógicos, Planos diários tem sido incorporado no cotidiano dos educadores da Escola Municipal Paulo Souto. Contudo, a articulação entre educação – desenvolvimento humano – qualidade de ensino – cidadania é um desafio a ser vencido para o aprimoramento da prática pedagógica escolar cotidiana.

No que se refere ao cultivo das tradições culturais quilombolas ficou claro, durante a realização do projeto interventivo, que a educação formal é muito significativa, nas palavras da senhora Maria Germana Dias:

Vocês que são estudados é que deve cuidar de nossas criança porque um dia é eles que vai fazer tudo isso que a gente faz. É cumida, dança, reza, reisado, tudo, tudo. (Entrevista realizada em 22/08/2015, Tomé Nunes – Ba).

A entrevistada atribui à escola a responsabilidade de a mesma cultivar as tradições de seu povo. Mesmo que de forma bem simples suas palavras articulam aquilo que prevê a lei 10.639/2003, na medida em que são os

“estudados” que cuidarão das crianças que uma dia vão cozinhar, rezar e dançar.

Ainda sobre esse assunto a estudante Graciela Pereira Dias descreve sobre a possibilidade de ela assumir o grupo de reisado um dia:

Cresci vendo minha mãe, minha avó fazendo isso e eu não sinto vergonha de mostrar o que aprendi e faço com elas. Eu acho que é meu dever levar essa nossa cultura, apesar das discriminações, muito adiante e fazer que os outros que virão possa conhecer toda essa maravilha. Entrevista realizada em 22/08/2015 pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva, em Tomé Nunes.

A partir da narrativa de Graciela, percebe-se que ora os alunos tentam negar sua identidade quilombola, ora eles se orgulham dela. Quando confrontados com situações em que sofrem preconceitos e discriminação por suas marcas identitárias, como ser chamado de “nega preta do Tomé Nunes” há uma tendência em negar o ser quilombola e um desejo de “ Eu queria ser igual a minha colega branca”. Mas esse sentimento pode mudar radicalmente se a situação em que o aluno se encontra é de alteridade com os membros do quilombo pois eles veem a sua cultura , mesmo que discriminada como algo maravilhoso que precisa ser preservada.

Foto 6



Foto tirada em 22/08/2015 pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva, em Tomé Nunes.

Esses estudantes que chegaram a escola serão aqueles a substituírem aquelas senhoras do reisado, da arte do penteado afro, da culinária quilombola, senhoras (es) das narrativas históricas. Dessa forma não cabe a escola ignorar essa cultura, ao mesmo tempo cabe à ela ampliar conhecimentos que dialoguem com as singularidades expressas nas tradições quilombolas. Portanto é preciso pensar estes jovens estudantes sem rótulos, sem predefinições/ preconceitos, é mister observá-los detentores de uma gama de possibilidade, que na sua diversidade precisam ser respeitados e integrados ao espaço formal escolar. Diante dessa concepção é que durante a realização do projeto interventivo que a professora Josemária em conversa sobre a Lei 10.639 alertou aos professores, coordenadores e agentes envolvidos com a educação quanto ao seguinte aspecto:

Escola, professores e agentes da educação é hora de desconstruirmos muitos mitos adentrados na escola. Desconstruir, por exemplo, os estereótipos que povoam a matéria de história e o ensino sobre o continente Africano. Se na atualidade a história da África continua associada a miséria, fome, ao contágio da Aids e aos conflitos étnicos, cabe aos educadores, a escola, construir possibilidades de leituras que aproximem o atual estágio de subdesenvolvimento ao

enriquecimento europeu. (Palestra realizada em 22/08/2015, em Tomé Nunes).

Enquanto isso, na outra palestra, a professora Juliana Farias frisou sobre o prazer da autoafirmação quilombola, pois:

Ter vergonha de ser negro por quê? Vocês precisam saber que a mãe África é o berço da humanidade de lá vieram nossos mais remotos antepassados. O que nos resta hoje é divulgar tudo que de bom continuou com a gente depois de um vasto período de escravidão: que é toda essa beleza apresentada por vocês nesta tarde. (Palestra realizada em 22/08/2015, em Tomé Nunes).

Naquela tarde muitos foram os trabalhos apresentados pela comunidade como ressalta Joanita Dias:

É um prazer para nós mostrar o que a gente sabe fazer ainda mais sabendo que vai ajudar na nossa valorização como gente, pois nós viemos de um tempo que isso tudo aqui tinha que ser apresentado escondido, quando era apresentado, já que nem isso meus avós podiam fazer. Mas nós temos muito é que dançar, sambar de alegria em poder demonstrar o que de mais bonito nosso antepassados deixou para nós. (Entrevista realizada em 22/08/2015 em Tomé Nunes – Ba).



Foto tirada em 22/08/2015 pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva, em Tomé Nunes.

Foto 8



Foto tirada em 22/08/2015 pela pesquisadora Carla Daiane Souza Silva, em Tomé Nunes.

A partir projeto interventivo em que se promoveu um encontro de saberes ficou explícito que os alunos do quilombo de Tomé Nunes possuem tradições pertinentes à uma cultura singular que os permitem instituir suas identidades nesse emaranhado de símbolos que os definem quilombolas. Nesse sentido, mesmo com os processos de ressignificação cultural e integração às culturas exteriores, os alunos de origem quilombola têm o direito ao reconhecimento de suas origens no espaço escolar, não há de se esquecer que esses direitos estão inscritos em Leis e Decretos que resguardam o processo de ensino aprendizagem que contempla a sua história, cultura, raça e crença.

Nessa ordem de pensamento a escola precisa compreender que a inserção de conteúdos que tratem da afrodescendência precisa ser reinventada, de modo que contribua para o enriquecimento do debate que remete não apenas aqueles alunos do quilombo do Tomé Nunes, mas a questões mais amplas que se referem ao direito a uma educação inclusiva em que se respeite a diversidade.

Portanto, torna-se eminente uma reflexão crítica acerca da postura propositiva e questionadora que todos devemos ter em relação ao enfrentamento do racismo e das desigualdades sociais como um todo.

Surge a urgência de re-significar o espaço escolar – com seus tempos, rituais, rotinas e processos de modo que ele possa efetivamente estar voltado para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, cidadãos atuantes e participativos na sociedade a qual vivemos. É preciso lançar um novo olhar na contemporaneidade, para que se possa instalar na escola posicionamentos mais democráticos e coerentes que garantam o respeito às diferenças contribuindo dessa maneira para a construção do sucesso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a cultura afrodescendente faz parte das culturas brasileiras de diversas regiões e por vezes perderam as marcas identificadas como base africanas. Em muitos casos a cultura afrodescendente fica classificada como cultura popular, que na maioria das vezes adquire um significado menor o que a faz ser tratada com descaso e desprezada nos currículos escolares, portanto, não são em muitas escolas considerada como componente importante da nossa cultura.

É possível perceber que embora o quilombo de Tomé Nunes prime por uma cultura afrodescendente, haja vista os moradores se orgulham do fato de pertencerem àquela comunidade quando assumem a identidade quilombola ao propagarem seus ritos, crenças, costumes no seu modo de falar, vestirem ou se apresentarem seja no quilombo, ou fora dele.

Porém, infelizmente ainda encontramos uma pequena parte estudantes que ora assumem, ora omitem essa identidade. Acreditamos que essa triste realidade está ligada ao processo histórico dos negros no Brasil que ainda refletem sobre estes jovens através de estigmatizações sofridas nos contextos exteriores ao quilombo. As vezes aspectos como o racismo e a discriminação racial sobrepõem ao orgulho que os entrevistados demonstram em suas narrativas de serem remanescentes quilombolas.

Foi participando de eventos na escola, fazendo presença na comunidade quilombola de Tomé Nunes, entrevistando, escrevendo e transcrevendo as falas dos entrevistados, ao mesmo tempo em que fundamentando em autores que em outros momentos também dedicaram a pesquisar sobre o tema é que procuramos mostrar a cultura quilombola a partir das vivências dos sujeitos que habitam aquele espaço.

Durante esse período de estudo e pesquisa foi possível testemunhar o encontro da cultura quilombola com a cultura exterior. Esse encontro nem sempre ocorre de forma harmônica. Foi perceptível o “choque” sofrido quando os alunos deixam o território quilombola e vão para o Ensino Fundamental II (6º

ao 9º Ano) na Escola Municipal Paulo Souto. Em um outro território eles experienciam contextos diferentes no qual muitas vezes é estigmatizado por fazer parte de uma cultura que ainda é vítima de preconceito na sociedade brasileira, a cultura afrodescendente.

Diante dessa realidade desvelada pela pesquisa, percebe-se a necessidade da escola repensar as práticas pedagógicas e tornar efetivo o cumprimento do que postula a Lei nº 10.639, pois é como o respeito as diferenças é possível acionar para a compreensão dos processos de interação social. Percebe-se que as falas dos moradores, do diretor, da coordenadora, do professor e dos alunos mostram caminhos a serem discutidos para quem trabalha em contextos interacionais apontando limites e alternativas para análises e formulação de políticas que compreendam a importância da educação formal como o espaço da diferença.

Portanto é preciso conhecer o contexto do educando quilombola na sua dimensão cultural e social, haja vista esse não se encontrar dissociado da constituição e autoafirmação da identidade afrodescendente. É nesse ato de conhecer que o professor, o diretor, a coordenadora, sociedade (colegas alunos) podem explorar questões étnico-raciais (em seus currículos e na escola) sem estigmatizar ou menosprezar o aluno quilombola. Mais que ensinar estes estudantes é chegado o momento de oportunizá-los a ensinar o que eles também sabem.

Deste modo, valorizar e respeitar as diferenças étnico-raciais e culturais é um dever a ser cumprido. O “outro” é apenas um espelho que muito nos ensina se atentar-nos a observá-lo além das diferenças entre o “Eu” e “ele”. Se essa barreira for rompida poderemos sonhar com uma sociedade mais justa baseada na democracia, na justiça, na autonomia e na paz, enfim é o acesso pleno aos Direitos Humanos como preconizado na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.

CARVALHO Jose Jorge de (org).Quilombos: símbolos da luta pela terra e pela liberdade. **Revista Cultura Vozes**. Rio de Janeiro, v.91, n.5, p. 149-160, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC S.A, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A; 2011.

KHOURY, Yara Aun. **Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o sujeito na História**. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de & Khoury, Yara Aun. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Posseiros, rendeiros e proprietários: estrutura fundiária e dinâmica agromercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850)**. 2003. 435 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente. Identidade em construção**. São Paulo: EDUC ; Rio de Janeiro : Pallas, 2000.

LEI LDB 9394 / 96.

LEI 10639 / 2003.

TEIXEIRA, Leila Maria Prates . **Comunidade de Tomé Nunes: memória e construção identitária no alto sertão baiano**. Santo Antônio de Jesus – Bahia. Março de 2010

<http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas> acesso em 13 de agosto de 2015.

<http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/bosi.pdf> acesso em 10 de setembro de 2015.
